

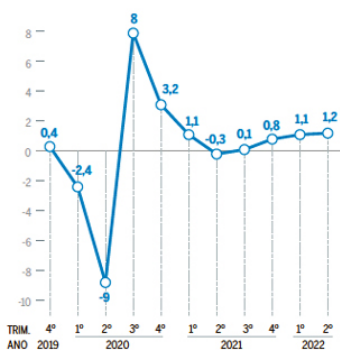
# EXPANSÃO MOVIDA A CONSUMO DAS FAMÍLIAS E AVANÇO DE SERVIÇOS

## ECONOMIA CRESCE 1,2%, ACIMA DAS EXPECTATIVAS

### A MELHORA NA ATIVIDADE

#### EVOLUÇÃO DO PIB

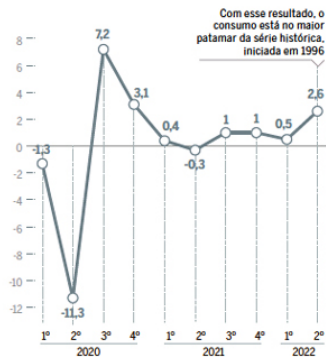
Variação contra o trimestre anterior, em %



Fonte: IBGE

#### COMPORTAMENTO DO CONSUMO DAS FAMÍLIAS

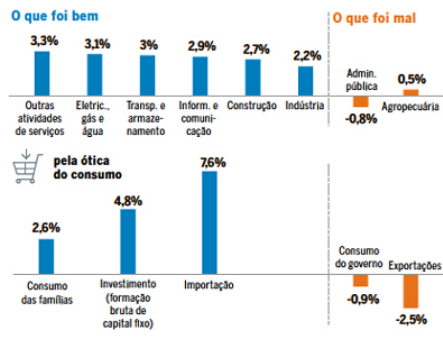
(na comparação com o trimestre anterior, em %)



Com esse resultado, o consumo está no maior patamar da série histórica, iniciada em 1996

#### O QUE FOI BEM E O QUE FOI MAL NO PIB

Com essa resultado, o consumo está no maior patamar da série histórica, iniciada em 1996



Fonte: Contas Nacionais Trimestrais, do IBGE

Editoria de Arte

CÁSSIA ALMEIDA E LETYCIA CARDOS

Embalada pela retomada de atividades após o avanço da vacinação, a economia brasileira cresceu 1,2% no segundo trimestre e superou as expectativas do mercado, que esperava alta de 0,9% sobre o período de janeiro a março. Foi o quarto trimestre seguido de expansão. Consumo das famílias em alta, expansão do setor de serviços e injeções de recursos extras na economia com o saque do FGTS e a antecipação do 13º de aposentados e pensionistas influenciaram o comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) de abril a junho.

Ações como essas, que colocaram cerca de R\$ 90 bilhões na economia, ajudaram a impulsionar o consumo das famílias, que subiu 2,6%, atingindo o maior patamar da série histórica, iniciada em 1996.

Depois de dois anos de pandemia, o brasileiro voltou a circular mais, a trabalhar e lazer, o que teve impacto no setor de serviços, que avançou 1,3% em relação ao período de janeiro a março.

— Houve retomada de serviços, beneficiados pela demanda reprimida que agora está voltando à normalidade. As pessoas passaram dois anos sem viajar, agora estão viajando mais, o que vemos pela alta no preço das passagens — afirma Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais Trimestrais do IBGE.

Foi o caso da família de Carlos Soares, de 42 anos, que mora com a mulher, Vanessa Soares, de 38 anos, e a filha, Eduarda Soares, de 9 anos, em Campo Grande, na Zona Oeste do Rio. Neste ano, a família con-

seguiu voltar a viajar e frequentar restaurantes, depois de enfrentar dificuldades na pandemia. O casal é dono de uma empresa de manutenção de ar-condicionado. No ano passado, foi necessário demitir seis funcionários. Um dos fatores de pressão foi o aumento no preço dos combustíveis.

A disposição para consumir, no entanto, divide espaço com o acompanhamento regular dos preços. Inflação e juros altos seguem no radar como preocupações para o consumidor e economistas.

— No ano passado, comprei carne vermelha por R\$ 45 o quilo. Este ano, vi a mesma carne por R\$ 29. Precisamos nos adequar de acordo com o preço nos supermercados — afirmou Carlos Soares.

#### INJEÇÃO EXTRA DE RECURSOS

A disposição do brasileiro para consumir e a velocidade de recuperação do setor de serviços fizeram com que os economistas revisassem suas projeções para o ano. As estimativas vão de 2% a até 3%. Se não houver queda na atividade econômica entre julho e dezembro, o resultado divulgado ontem pelo IBGE já garante crescimento de 2,6% este ano.

Para Fernando Monteiro, analista da corretora Tullett Prebon Brasil, o fator reabertura foi mais forte que outras variáveis. No segundo trimestre, a inflação acumulada em 12 meses estava acima de 10% e era maior para os mais pobres. Quando foi divulgado o PIB do primeiro trimestre, Monteiro havia resumido o quadro econômico da seguinte forma: "Após dois anos preso em casa, a pessoa sai para comer uma esfirra". Agora, vai além a comentar a demanda reprimida: — A explicação para o resul-



Volta ao consumo. Carlos Soares, a mulher e a filha conseguiram voltar a viajar e frequentar restaurantes este ano

tado segue sendo a abertura. O cara comeu esfirra, agora quer viajar para o Nordeste.

Viagens são apenas uma parte da lista de desejos de consumo dos brasileiros. Sílvia Matos, economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), afirma que 85% do crescimento do segundo trimestre na comparação com igual período do ano anterior foi motivado pelos serviços, como indica o monitor do PIB da fundação. A economia como um todo cresceu 3,2% em relação ao segundo trimestre de 2021.

A indústria e os investimentos também reagiram. A taxa de investimento chegou a 18,7% do PIB, o que surpreendeu a economista Natália Cotarelli, do Itaú. Ainda assim, ela pondera que a inje-

ção de recursos extras na economia deve ser menor no segundo semestre, mesmo com Auxílio Brasil de R\$ 600 e benefícios a caminhoneiros e taxistas: — Se considerarmos que foram quase R\$ 90 bilhões liberados no segundo trimestre, contra R\$ 41 bilhões para o segundo semestre, podemos ver que os benefícios não compensam a renda adicionada à economia antes.

#### INFLAÇÃO DE SERVIÇOS

Além do trio consumo, serviços e injeção de recursos, o desempenho da economia foi beneficiado pelo aumento do preço de commodities no mercado internacional. O Brasil é grande exportador de soja, minério de ferro e petróleo. Sérgio Vale, da MB Associa-

dos, vê o aumento da massa real de rendimentos bem maior nos estados voltados para o agronegócio: — As commodities tiveram papel importante nesse crescimento de PIB do ano passado para cá. Estamos vendo isso acontecer no mundo inteiro. Países fortes em commodities tiveram performance melhor. Teve essa quebra de safra do soja no Sul, mas no Centro-Oeste e Nordeste, não.

O mercado de trabalho foi outro impulso para o consumo das famílias. Mesmo com a queda da renda, o aumento do emprego fez crescer a massa de salários na economia. O risco, para Sílvia Matos, é o Banco Central ter que aumentar mais os juros, para frear a inflação de serviços que começa a despontar. Já está em 9% ao

ano. Esse grupo representa 30% do IPCA: — PIB mais forte pode gerar inflação de serviços mais alta, com os juros tendo de subir mais. Não tem almoço grátis.

Rodrigo Nishida, economista da LCA Consultores, reviu para cima sua projeção do PIB, justificando que o resultado do segundo trimestre deixa viés positivo para a projeção anual. Porém, tem dúvidas se a expansão é sustentável: — Boa parte dessas medidas de estímulo tem prazo para acabar. Temos o aperto monetário ganhando força e um cenário internacional cada vez mais difícil. A perspectiva para 2023 é bem mais duvidosa.

Thiago Xavier, analista da Tendências Consultoria, vê uma desaceleração da economia no segundo semestre, provocado por uma série de fatores: — Alguns estímulos vão sair da conta, como a antecipação do 13º e FGTS. A recuperação tardia dos serviços presenciais vem se normalizando, o que vai ajudar menos os números. Por fim, temos juros em patamar extremamente elevado, o que vai começar a fazer mais efeito na economia.

Se as exportações não tivessem caído, o resultado do PIB seria ainda maior. A demanda doméstica, com aumento das importações, foi quem respondeu pelo crescimento no segundo trimestre. — Chama a atenção o consumo das famílias, os serviços presenciais, o investimento subindo com as exportações caindo mais. Foi um crescimento muito baseado na demanda interna — afirma Rebeca, do IBGE.

Colaborou Roberta de Souza, estagiária sob coordenação de Danielle Nogueira

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 15